

Catarina Raminhos



TUDO O
QUE APRENDI
COM AS
MINHAS
FILHAS

ARENA

Índice

Há uma Catarina AC e uma Catarina DC	8
Há um medo que é mesmo a sério (e não de cobras ou do escuro)	11
Elas vão subir às árvores — e não vão cair	13
É bom ver o mundo pelos olhos das crianças	15
É preciso gerir expetativas (e não só)	17
$1 + 1 + 1 = 1.$ ^a vez	20
Isto do amor incondicional é mesmo... incondicional	23
É importante assumirmos a nossa vulnerabilidade	25
As lagostas fazem chichi pela cabeça (e outras bizarrias)	30
As gargalhadas são tão libertadoras quanto os puns	32
O YouTube é a nova Europa-América	35
As segundas-feiras não são assim tão más	37
Adoro estar sozinha a fazer nada (e elas não sabem o que isso é)	39
Os pais não vão de férias	41
Existe uma banda chamada Now United	43
A última página do livro nunca é o fim da história	46
Não gosto de brincar com bonecas	48
Devia ter um dispensador de senhas como acessório	50
Repito as frases que odiava ouvir da minha mãe	52
Os filhos não são um prolongamento dos pais	54
Sou incrível a fingir interesse pela conversa mais enfadonha (mas elas nunca se calam?!)	57
Um pau pode ser o mundo inteiro	60
O mundo não pára de girar se não tomarmos banho	62
As camisas largas são para dar um nó	65
Uma pessoa pode ser mais feliz se tiver as unhas pintadas	67
Afinal, riscas ficam bem com bolas	69

Dormir é, aparentemente, uma perda de tempo	72
As birras não têm idade	75
Devemos começar por comer aquilo de que mais gostamos (e não o contrário)	77
Depois de um «sim» vem sempre um «mas»	79
Os verbos não servem para nada	81
As crianças também são pessoas e devem ser tidas em conta	83
Há uma alegria imensa nas pequenas conquistas	86
As gomas são uma refeição completa	89
Nunca se sai de casa sem comida (nem que seja para ir ao parque)	92
O frio é mesmo psicológico	95
Há uma forma correta de nos movimentarmos na rua	97
Sou omnisciente	99
O tempo passa depressa (e há mais do que um)	102
Tudo nos dói mais a nós do que a elas	104
Nunca vou deixar de aprender com elas	107
<i>Agradecimentos</i>	110

*Para as minhas professoras preferidas,
as minhas filhas queridas:
Maria Rita, Maria Inês e Maria Leonor*

*E para o pai delas, Tozé,
o meu colega de carteira que torna as aulas mais interessantes*



Há uma Catarina AC e uma Catarina DC

Ao espelho, tudo é verdade: as olheiras crônicas e as rugas vincadas no rosto; as pregas no pescoço e os cabelos brancos. O espelho devolve-me a imagem de uma mulher que envelheceu, mas que é «de verdade». E eu gosto dela. Não porque ignore os estragos deixados pelo passar dos anos, qual enxurrada que varre tudo à frente — até porque seria difícil não dar por eles —, mas porque me lembram de que cabem muitas vidas na minha.

Das minhas diversas existências, há um episódio que se destaca porque traça um corte radical entre um «antes» e um «depois»: ter sido mãe. Perguntam-me muitas vezes se foi mais difícil passar de uma para duas filhas ou de duas para três. O mais duro foi ter a primeira. Sermos só os dois e passarmos a três, com um novo elemento que chega para destabilizar os outros dois.

Se isto fosse uma aula de Sociologia, diria que existe uma Catarina Antes das Crianças (AC) e uma Catarina Depois das Crianças (DC), que, tal como na música, «em nada são iguais». A atual sente muitas vezes inveja da liberdade da outra. Contudo, olha-a com alguma soberba, por considerar que o tempo a tornou uma versão mais astuta de si.

Vamos rebobinar a VHS e olhar para as imagens destas duas espécies. Começamos com a do período AC: no seu *habitat* tranquilo e arrumado, ela cozinha calmamente, enquanto ouve música, sem olhar para o relógio. Come descansada, muitas vezes em frente ao televisor, enquanto

vê episódios das suas séries preferidas. Quando janta com o marido, conseguem conversar usando frases completas, que ninguém interrompe. Dorme bem e quando lhe apetece — que luxo!

A sua vida é feita de trabalho, mas também de muitas idas ao cinema, livros devorados de enfiada e jantares fora a dois, quando o dinheiro chega até ao fim do mês — que isto não é tudo cor-de-rosa. Esta Catarina sente-se feliz; porém, está demasiado focada no futuro para saborear a vida que tem no momento — vai apreciá-la com *delay*.

Fazendo *forward* na cassete, a cena passa para uma casa maior e mais bonita, embora mais caótica. Vemos a Catarina DC a caminhar corredor fora, fingindo não ver tudo o que está em desalinho, numa tentativa desesperada de manter alguma sanidade mental. Já lhe basta dormir mal há uma eternidade, porque a filha mais nova ainda vai parar à sua cama todas as noites. E já tem seis anos!

O sono é, de resto, um problema sério. Ao contrário da anterior, esta versão dorme apenas quando a deixam e não quando quer ou precisa. Faz mil coisas ao longo do dia e a energia, que parece estar continuamente por um fio, chega sempre para mais qualquer jeitinho. Quase que poderia considerar-se um superpoder, não viesse essa energia acompanhada por uma dor de cabeça gigante, tonturas ou um mau humor que pode prevalecer sobre tudo e todos..

Esta Catarina aprecia uma boa conversa com o marido durante o jantar. Porém, raramente conseguem concretizar ideias, porque são interrompidos de dois em dois minutos por seres mais novos, convencidos de que têm prioridade. Nos dias mais cansativos, nem dá conta do que jantou — a comida apenas desaparece do prato.

É, evidentemente, em modo *zombie* que sobrevive à parte final do dia. Apesar de já sentir sono desde as seis da tarde, só vai conseguir deitar-se lá para as vinte e três, porque as miúdas demoram a adormecer. E isto repete-se todos os dias numa canseira sem fim.

O mais curioso é perceber que a versão atual não trocava a vida que tem pela que tinha antes de ser mãe — «como é possível!?!», diria a outra Catarina — e às vezes até esta se questiona.

Estudos realizados por mim revelam que isto tem apenas uma explicação: o fenômeno absolutamente contraditório pelo qual os pais passam, em que a origem das principais privações é a mesma das principais alegrias. Há uma distância muito curta entre sentirmos saudades das nossas crias e já estarmos cansadas delas dez minutos depois de terem chegado da escola. Ou dormirmos mal por causa de uma delas e de manhã a abraçarmos como se não a víssemos há uma eternidade — quando ela até acordou ali ao nosso lado. E até de querermos estar com elas, ao mesmo tempo que sonhamos com aquele dia em que vamos poder estar sozinhas, a descansar.

Os mesmos estudos levam-me a concluir que esta bipolaridade se alastra a outras áreas e nos faz, por exemplo, olhar ao espelho, encontrar a versão envelhecida de nós mesmas e gostarmos dela a valer.

Ou, então, toda esta teoria resulta apenas de uma enorme falta de descanso. Mas estou convencida de que não. Ou será? Terei de descansar a sério para conseguir chegar a uma conclusão.



Há um medo que é mesmo a sério (e não de cobras ou do escuro)

Fui mãe pela primeira vez, em 2010, num dia quente de agosto. Tão quente que mal se respirava em Lisboa. No hospital, o ar mal circulava dentro de mim por causa das contrações.

Foi um parto avassalador — e colocar este adjetivo depois de «parto» é quase uma redundância —, mas também fácil e rápido. Depois de fazer a força toda que tinha a fazer, e que era muito mais do que a que eu achava que conseguia, colocaram-me a Maria Rita ao peito e correram com o pai da sala — para me expulsarem a placenta do corpo.

E eu, que tinha feito o curso de preparação para o parto e lido todos os livros que encontrei na secção de maternidade da livraria, olhei para aquele bebé embrulhado numa manta e disse para mim mesma: «Que raio faço eu agora? Coitada desta criança, que vai depender de mim e da minha capacidade de cuidar dela.»

E esse foi apenas o primeiro de muitos medos que passei a colecionar ao mesmo tempo que, através de um fenómeno estranho de substituição, deixei de ter uma série de medos antigos: o do escuro, o de ver filmes de terror, o de cães. Continuo a ter medo de cobras, porque esse só vai desaparecer com terapia e acho que não me apetece passar por isso. Tenho medo.

Portanto, há quem sofra de culpa na maternidade, por poder não estar a corresponder a alguma coisa ou a seguir o caminho que alguém determinou ser o correto. Eu cá sou mais medos.

E se ela se engasga enquanto está a mamar? E se eu não a ponho a arrotar como deve ser? E se está doente e eu não sei identificar? Os primeiros dois meses são uma prova de superação que exige uma enorme gestão de emoções. Estamos felizes, mas preocupadas. Deliciadas com aquele ser minúsculo, mas cansadas.

Depois começam a gatinhar e temos medo de que batam com a cabeça; começam a andar e «ai Jesus!» que ainda caem escada abaixo. Vão para a creche e ficam doentes semana sim, semana não e por aí em diante. Ainda não conseguimos resolver um medo e já fomos apresentadas a um novo.

Nasce a segunda filha, achamos que vai ser diferente porque já sabemos como funciona. Já dominamos a coisa. E é exatamente igual. O ciclo repete-se — no meu caso, vezes três.

O mais incrível nesta coisa de ser mãe é que o raio do medo não desaparece à medida que elas crescem. Vai apenas mudando de figura. Com a mais crescida já deixei de me preocupar se sobe à árvore e cai — esse medo agora aparece-me com a mais pequena —, mas tenho medo de que sofra de *bullying* na escola e não nos conte. Que alguém a incomode e ela não partilhe. Que um dia chegue a casa e nos diga que é a única da turma que não tem redes sociais — e tenhamos mesmo de a deixar criar o perfil.

Sinto que na maior parte do tempo consigo aproveitar isto de ser mãe, de ver crescer estas três miúdas fantásticas, de aprender com elas todos os dias, de conversarmos sobre assuntos delas e sobre assuntos meus. De rirmos juntas, como acontece tantas e tantas vezes.

Há alturas em que se passam dias sem que me lembre dele. Outras em que ele se senta ao meu lado e me sussurra coisas terríveis ao ouvido — que eu tento afastar o mais depressa que consigo. Às vezes, consigo colocá-lo em *mute*. Às vezes. O raio do medo.



Elas vão subir às árvores — e não vão cair

Volto ao medo porque, nesta tarefa — ou condição — de ser mãe, sinto muitas vezes que ele me sacode de tal forma que tenho de me agarrar a alguma coisa para não tombar. Como não consigo confiar cegamente na minha intuição, experiência e em tudo o que já aprendi, preciso de acreditar que vai correr tudo bem — o que requer um esforço da minha parte porque não tenho a confiança necessária para simplesmente entregar ao universo, ao destino ou a que entidade seja aquilo que possa acontecer às miúdas.

Há uns anos, um pintor que estava a tratar das paredes lá de casa disse-nos: «Coração ao alto! Ser mãe e ser pai é colocar o coração ao alto.» Lembro-me muito das suas palavras tão simples, mas esqueço-me muito de as aplicar. Sinto medo quando querem ir passar o fim de semana com os tios-avós e isso implica uma viagem de duas horas e meia com eles para cada lado e sempre que me pedem para ficar a dormir na casa de uma amiga cujos pais nós ainda não conhecemos. Ou simplesmente quando querem subir às árvores — as mais altas que existirem.

Quando me ligam da escola, não penso que a miúda tem dores de barriga e quer vir para casa; penso que caiu, partiu a cabeça, está inconsciente e numa ambulância a caminho do hospital. E depois percebo que está tudo bem e imagino que vai acontecer alguma coisa de mal por alimentar sempre pensamentos negativos. Uma espiral de pessimismo, sempre presente de forma adormecida e que, de vez em quando, se revela de um modo muito real.

O medo funciona como o escuro: não sabemos que rosto pode ter e então a nossa imaginação, que não conhece limites, cria os cenários mais terríveis. Não é tanto o receio da viagem com os tios-avós, de ficarem a dormir na casa da amiga, ou das árvores em si, mas daquilo que pode acontecer quando não estou lá para elas, para as socorrer. Como se a minha mera presença impedisse as desgraças de ocorrerem — qual «mãe-maravilha», com superpoderes incríveis. Só que não sou.

O medo é a emoção que nos protege de corrermos risco de vida, de avançarmos perante um precipício ou de comermos cogumelos selvagens sem os conhecer. Não é bom nem é mau, apenas cumpre a sua função. Aliás, 90% dos medos só existem na nossa cabeça — no entanto, isso só me leva aos 10% que são reais e que lixam a crença de que tudo vai correr bem.

Eu não posso pedir-lhes que não subam às árvores, naturalmente. Em pequenas, eu e o pai ensinámo-las a subir e a descer, e o mais certo é não caírem. Mas, enquanto elas estão, felizes, agarradas a um ramo que para mim está alto demais, dou comigo numa ânsia de vestir a pele da mãe-maravilha e ativar os meus superpoderes — que é como quem diz, confiar a sorte a quem ma possa devolver.



É bom ver o mundo pelos olhos das crianças

Há uns anos, num dia bem frio de inverno, fomos dar um passeio à praia. As ondas eram grandes, avançavam furiosas até à areia, onde se desenrolavam ruidosamente, transformando-se em espuma branca. Silêncio por breves segundos e depois tudo se repetia.

Ao olhar para aquele espetáculo, ao mesmo tempo ameaçador e belo, a pequena Maria Rita explicou-nos, do alto dos seus quatro anos, que acontecia sempre que o gigante estava lá em cima a fazer a sua sopa. «Está a mexê-la com uma colher de pau enorme; por isso, a água fica assim!» E foi aí que aconteceu: percebi que o mundo pelos olhos delas é muito mais divertido.

As miúdas fazem-me ver coisas que não estão lá — mas podiam estar. Como quando a Maria Leonor desenvolveu, com bastante pormenor, a sua teoria de que o mundo era um cogumelo enorme — tão grande que não dava para percebermos que vivíamos nele. «O chapéu do cogumelo é onde há neve, porque está lá para cima e a maior parte das pessoas vive em baixo, no pé. Em frente ao pé há areia e mar, como se o cogumelo estivesse na praia», explicou-me.

Muitos de nós só chegariam a esta imagem através de ácidos ou, lá está, de outro tipo de cogumelos. No entanto, ela acreditou durante uns bons meses nisto — até eu lhe ter mostrado imagens do planeta captadas através de satélites, contra a vontade do pai e das irmãs, que se divertiam muito com as explanações da pequena.

Ver o mundo pelos olhos das crianças pode ser mágico. E muito prático, também, porque não há filtros nem minhocas na cabeça, a não ser aquelas que estimulam a criatividade. Não há complicações nem considerações sobre aquilo que os outros vão pensar, e as coisas têm apenas um peso relativo.

Porém, este olhar infantil perante o universo nem sempre desagua na poesia. Às vezes, causa só um imenso constrangimento e desconforto. Como quando a Maria Leonor perguntou a uma rapariga que tínhamos acabado de conhecer se a barriga dela era grande porque tinha um bebé lá dentro. Foram segundos de reza fervorosa: «Por favor, que ela esteja mesmo grávida.» Não estava.

Para ser franca, não me posso queixar destas saídas das miúdas porque não estou isenta de culpa e vai-se a ver estas coisas também estão no ADN. É que sou a rainha dos comentários confrangedores, de tal forma que cá em casa o elemento masculino diz que são «saídas à Catarina».

Eu sou a pessoa que, numa conversa informal no casamento de uma amiga, comentou de forma irónica que determinada pessoa tinha tido imensos namorados. O que eu não sabia era que estava a falar com o atual marido — foi ele que me informou. Silêncio incómodo e eu a pressionar o botão de *reset*, que, infelizmente, se encontrava apenas na minha cabeça.

Optei por uma saída airosa: «Então não é que a Maria Leonor acha que vivemos num cogumelo gigante e não percebemos? Ai, estas crianças... Bom, vou buscar uma bebida, também querem?»



É preciso gerir expetativas (e não só)

Preparamos com empenho um sábado giro, com ida à praia e piquenique no parque, onde há baloiços e espaço para correr à vontade. Acartamos a cesta com a comida e mais a água, com dificuldade, até à zona de merendas, que fica mesmo lá no cimo. Pomos uma mesa bonita, dentro do género merendeiro, com a comida que preparámos na noite anterior.

Corre tudo bem, até que uma delas decide que não quer estar ali e dá início a uma birra, provavelmente porque está cansada da manhã na praia. «Olha-me esta ingrata!», podemos pensar facilmente; no entanto, a nossa frustração não tem apenas que ver com a atitude da miúda, mas com as expetativas que criámos em torno daquele dia – de como iria ser divertido para todos, apesar da trabalhadeira.

Pensando bem, a miúda também podia ter-se imaginado a passar aquele sábado alapada no sofá. Portanto, a coisa pode muito bem dar a volta e terminar connosco a furar as expetativas dela.

Nem reparamos, mas uma boa parte do nosso tempo é passada a fazer planos – focamo-nos demasiado no futuro em vez de vivermos o presente e esta troca de tempos sai-nos quase sempre cara. Além disso, os nossos projetos tendem a ser ambiciosos e a hipótese de falharem aumenta. O segredo, tenho vindo a perceber, passa por estabelecer metas mais pequenas e receber tudo o que vier por acréscimo como um bónus. Tal e qual aquele Natal em que adorámos o pijama que a tia nos deu, porque

não esperávamos mais do que o clássico par de meias. Baixar a fasquia é libertador!

Li em tempos qualquer coisa como «a nossa felicidade tende a aumentar de forma proporcionalmente inversa às expetativas que criamos» e não podia estar mais de acordo. Aliás, basta recuar ao último Natal para constatar que é mesmo assim. Nós, adultos, achámos que estávamos a dar um megapresente às miúdas levando-as à Disney, ainda para mais na companhia das melhores amigas — filhas dos nossos amigos e companheiros de viagem.

Tudo corria lindamente, achávamos nós, até termos saído de Orlando e chegado a Miami. Era véspera de Natal, estávamos na praia — a água estava ótima! — e as miúdas vieram ter connosco de lágrimas nos olhos. «Não estão a gostar das férias? Então viemos passar o Natal num sítio quente, com os nossos amigos, para conhecer cidades onde nunca estivemos, e vocês sentem-se tristes?» Depois de uns segundos, a Maria Rita falou em nome das três: «É muito fixe termos esta oportunidade e está a ser muito divertido, mas o que gostávamos mesmo era de passar o Natal com os avós, como nos outros anos, a comer sonhos e a ver filmes secantes na televisão.» Esta resposta deixou-me sem palavras e precisei de algum tempo para responder.

As miúdas tinham a sua razão — o que para nós tinha sido uma ideia incrível, para elas podia revelar-se uma treta, apesar de, como referiram, divertido. E se num ápice pode surgir mais uma vez a ideia de ingratidão por parte delas, depressa a afastamos e entendemos o que sentem.

Gerir expetativas é como ter um elástico na mão. Se o esticarmos muito, ele rebenta; se não o esticarmos suficientemente, ele perde a força. E, enquanto mãe, sinto que este elástico me vem parar muitas vezes às mãos e tenho de encontrar, para lhes mostrar, o ponto de equilíbrio entre não projetarmos o que quer que seja e projetarmos em demasia — aumentando assim as hipóteses de sairmos frustradas.

Tal como acontece connosco, com elas também há uma ansiedade latente que surge das expetativas — em relação às coisas mais pequenas, como encomendarem roupa numa loja *online* e estarem ansiosas para que finalmente

chegue e lhes fique bem; às coisas maiores, como sentirem afinidade por uma colega e ela parecer não corresponder. Estudarem muito para um teste e a nota não ser a que esperavam ou prepararem com afinco a sua parte na apresentação de *yoga* ou de trampolins e não correr tão bem quanto o desejado.

Também me sinto sempre ansiosa com trabalhos maiores que tenho de entregar, com coisas que faço pela primeira vez ou até com aquilo que o ano me reserva – e ainda não descortinei. Crio, de igual modo, muitas expectativas em relação a coisas boas, como ver um livro meu publicado ou ter conseguido marcar uma viagem há muito desejada – a realizar-se no verão, claro, para escaparmos a dilúvios saudosistas, capazes de destruir mais um Natal...



1 + 1 + 1 = 1.^a vez

Neste caminho sinuoso e cheio de incertezas que é a maternidade, fui aprendendo que há muitas primeiras vezes — mesmo perante situações que se repetem.

No dia em que levei a Maria Rita ao jardim de infância pela primeira vez, ia a caminhar com ela de mãos dadas e a pensar que não ia ser daquelas mães que choram — que ridículo! Sentia-me bem com a nossa decisão, ela já tinha três anos e eu precisava de mais tempo. Tempo para a irmã acabada de nascer e tempo para trabalhar.

Cheia de segurança, entrei com ela, ajoelhei-me, dei-lhe um beijo na bochecha, e ela agarrou-se ao meu pescoço a chorar e a pedir para eu não a deixar ali. Foi quanto bastou para que a minha torneira se abrisse. Na minha cabeça, estava a passar uma imagem supertranquila à educadora, ali em pé, à espera da miúda. Mas o que aconteceu na realidade foi que desatei a chorar — muito mais e muito mais alto do que a minha filha! Talvez as hormonas ainda não tivessem ido ao sítio, mas aquele olhar de Bambi matou-me.

Dois anos depois, entrei com a Maria Inês na creche onde ia ficar pela primeira vez. Uma mão na mão dela e a outra a segurar um enorme pacote de fraldas. Foi com ar confiante que percorri o enorme corredor até à sala dela. Ajoelhei-me, e ela sorriu-me, bem-disposta, e voltou-me as costas para ir ao encontro da educadora. Fiquei ali, abraçada ao pacote de fraldas, a pensar que, se não estava a chorar, é porque não gostava assim tanto da mãe. E comecei a chorar muito. Novamente. Lembro-me de ir para o carro

a ralar comigo mesma. «Outra vez, Catarina?! Não sabias já o que te esperava?!»

Escusado será dizer que com a Maria Leonor a história foi mais ou menos igual — consegui apenas disfarçar as lágrimas porque estava muito constipada e com um ar tão desgraçado que era difícil piorar.

Sinto que tenho vindo a ganhar experiência com o passar dos anos, mas isso não me impede de experimentar por várias vezes medo, alegria, surpresa, frustração ou orgulho em contextos semelhantes. Não há uma repetição, mas várias estreias, porque as miúdas são todas muito diferentes.

Então, cheguei à conclusão de que tenho de saber jogar com aquilo que já sei de forma genérica e aquilo que são as especificidades que cada uma vai revelando. Respeitar a individualidade delas não tem sido um esforço — pelo contrário, ajuda-me muito nesta tarefa de ser mãe de três. Passa por ser a mesma mãe, mas com abordagens diferentes para cada uma.

Acredito que esta estratégia tem contribuído para que não haja comparações desnecessárias entre elas, para que se movam de forma mais ou menos confortável numa família de cinco e se deem bem a maior parte do tempo — apesar dos momentos de gritaria e batatada.

E há até cientistas que defendem que existem condicionantes naturais resultantes da ordem de nascimento. Que o facto de serem a mais velha, a do meio ou a mais nova lhes atribui características específicas.

Um estudo realizado pelas universidades de Edimburgo e de Sydney a cinco mil crianças, acompanhadas do nascimento até aos 14 anos, revela, por exemplo, que o filho mais velho tem um QI (Quociente de Inteligência) superior ao dos mais novos e que isso terá que ver com a interação com os pais — porque durante algum tempo ele foi o único. Isso torna-o líder, porque chegou primeiro, e dá-lhe uma maior responsabilidade perante os mais novos. No nosso caso, é exatamente assim que acontece — mais por demanda das mais novas e não tanto por imposição da mais velha.

De acordo com a mesma investigação, o filho do meio tem de lutar constantemente para encontrar o seu espaço e conquistar tempo de atenção por parte dos pais em relação ao mais velho, que sempre a teve, e ao mais novo, que naturalmente a recebe em doses generosas. Durante algum tempo,

a Maria Inês encaixou-se na «síndrome do filho do meio», mas foi-se tornando cada vez mais segura de si e hoje vive confortável no seu universo particular. Felizmente, é muito direta na hora de reclamar atenção: «Mãe, quero o teu colo» ou «manas, hoje sou eu que fico ao lado da mãe no sofá!».

O mesmo estudo revela que o filho do meio adquire uma enorme facilidade em lidar com pessoas com diferentes personalidades e isso torna-o um adulto mais satisfeito e feliz. É bem capaz de vir a ser verdade.

A filha mais nova vem para se afirmar — no caso da minha, para sugar a energia dos pais, enquanto se afirma. Por um lado, está livre de muitas das limitações com que a primeira foi criada, porque numa primeira viagem somos mais exigentes connosco e com a própria criança; por outro, sabe que precisa de garantir a sua parcela de atenção. A Maria Leonor é extrovertida, gosta de se fazer notar na presença de outras pessoas e tem de ser sempre o centro das atenções — o que pode ser extenuante. Recorre muito ao humor e à ironia para captar o olhar de todos e lhes roubar umas gargalhadas. E sente-se realizada quando isso acontece.

Com três miúdas tão distintas em casa, como é que eu poderia viver da mesma forma cada primeira vez delas e ser a mesma mãe para todas? É natural que me sinta muitas vezes um polvo fêmea, a tentar chegar a todo o lado. Mas também ninguém disse que isto era fácil...



Isto do amor incondicional é mesmo... incondicional

Sempre que elas me olham daquela forma única, como quem vê um brilho especial, como se eu fosse o ser mais importante que o mundo viu nascer e me dizem que me adoram, sinto uma felicidade que não é sequer quantificável. Não tem fim e, como tal, cabem lá todos os *clichés* pirosos, porém verdadeiros, sobre o amor incondicional. Sobre isto de viver com o coração fora do peito.

Nunca ninguém me olhou como elas me olham, e mais ninguém o vai fazer, e nunca gostaram de mim da forma como elas gostam — muito crua, pura, intensa e avassaladora. Muito umbilical. Exatamente como eu gosto delas, também.

Diz o dicionário que «incondicional» significa que não depende de; não está sujeito a qualquer tipo de condição ou limitação. Transcende todo o comportamento e é independente de qualquer forma de reciprocidade. Assim é o amor da mãe pelas filhas e das filhas pela mãe. Pelo menos, até chegarem à adolescência...

Noutra definição, li que no amor incondicional não existe qualquer benefício para quem ama — e eu consigo perceber bem esta parte, especialmente nos dias em que estou de rastos e elas continuam a exigir tudo e mais alguma coisa de mim. E elas devem sentir o mesmo sempre que não acedo a um pedido. Aliás, há muitas cedências a acontecer quando se ama de forma incondicional — muitas vezes, concordamos com coisas que não

nos apetecia só para lhes fazermos a vontade, para não as desiludirmos, para as deixarmos felizes.

À medida que vão crescendo, a nossa relação torna-se mais forte, porque fazem questão de verbalizar o que sentem e de o demonstrar a toda a hora – acredito que por influência nossa; sempre preferimos fazer o mesmo, em vez de esperar que elas o entendessem de forma indireta, através de atitudes ou iniciativas nossas.

Cresci a sentir que os meus pais gostavam de mim porque me levavam ao cinema, a passear todos os domingos e porque os ouvia falar das minhas conquistas a outras pessoas com orgulho. No entanto, ter-me-ia sido mais simples – e determinante para a minha autoestima – ouvir um «gosto de ti» de vez em quando...

Sou aquela mãe que precisa tanto de estar sozinha como de ter as filhas debaixo da asa. Gosto de as abraçar, do nada, de lhes dizer coisas bonitas ou divertidas ao ouvido, de me rir com elas. E elas acabam por fazer o mesmo, da mais velha à mais nova – esta, há uns tempos, chegou-se ao pé de mim, deu-me um abraço tão apertado que até a ouvi ranger os dentes e depois olhou-me nos olhos para me dizer: «Eu nasci para te dar abraços.»

Ainda que tenha esta dose gigante de espontaneidade e de autenticidade, talvez a forma incondicional de amarmos as nossas crias não seja totalmente altruísta – porque, de uma maneira subtil, é como se estivéssemos a fazer um investimento no futuro, a cuidar das nossas relações para que mais tarde não nos deem (tantas) chatices e a fortalecer a confiança mútua para que elas nos contem tudo o que as preocupa e isso não seja motivo de apoquentação para nós.

Amo as minhas filhas por quem elas são e não pelo que podem vir a ser ou a fazer. Não vou dizer-lhes isto, porque não quero entregar-lhes já os meus trunfos, mas tenho a certeza de que não vou gostar menos delas quando fizerem alguma asneira digna de registo ou quando se revoltarem com o mundo em que vivemos e eu for arrastada nessa corrente. Da mesma forma, parece-me que, por muito que eu as possa desiludir, elas vão sempre adorar-me deste modo desmedido. O que é maravilhoso e aterrorizador ao mesmo tempo – como vê-las crescer, tão bonitas aos meus olhos.



É importante assumirmos a nossa vulnerabilidade

Para ilustrar esta lição que recebi das minhas filhas, talvez das mais importantes, preciso de recuar até ao Natal do ano passado e à nossa viagem aos Estados Unidos.

Depois de uns dias na Disney, em Orlando, viajámos de carro pela costa sudoeste até Miami. Ficámos num apartamento típico americano, como os que vemos na televisão, todos seguidinhos e com um pátio ao centro – igualzinho ao do Dexter, mas sem corpos cortados – numa zona bonita de Miami Beach. O tempo estava ótimo, fizemos praia, passeámos muito e foram umas férias mesmo boas. Mas não terminaram da melhor forma.

Na manhã do dia de Natal, véspera da nossa viagem de regresso, chegaram os resultados dos testes PCR à Covid-19: positivos para os dois. Belo presente! E os nossos amigos todos negativos. Naturalmente, ficámos apreensivos com a situação, e as miúdas choraram muito porque não iam regressar a casa com as amigas.

Nunca as vi chorar daquela forma. Percebi que não era só pela separação, era pelo medo que estavam a sentir e pela incerteza e desconforto da situação. Eu também os sentia à minha maneira, como se fossem sintomas alternativos de Covid – porque dos habituais não tivemos um, sequer.

Nas primeiras horas, também precisei de organizar a minha cabeça. «Ora bem, temos seguro; por isso, não vamos ter de pagar uma nova viagem nem a estada noutro hotel.» Dois problemas estavam resolvidos. Então, ativei

o meu sentido prático. Não sabia ainda onde iríamos ficar, porque era a agência de viagens que estava a tratar do assunto, e tínhamos somente uma muda de roupa lavada, para o regresso. Então pus as máquinas a trabalhar e lavei e sequei tudo o que tínhamos levado para férias.

Foi uma forma de resolver outro problema e de ocupar a minha cabeça com um objetivo concreto – um velho truque que comigo costuma funcionar. Porém, deu apenas para umas horas, porque tinha um marido em pânico a pensar se teria infetado alguém nos últimos dias, sem saber, e três filhas profundamente desoladas com a situação no geral e com aquele dia de Natal em particular.

Já não fomos almoçar ao restaurante português que havíamos reservado para a ocasião uma semana antes, porque não tínhamos outro remédio senão ficar em casa. Nós os dois não saímos do apartamento e elas ficaram a brincar toda a tarde com as amigas no pátio, ali mesmo em frente, mas sem a alegria e a gritaria habituais.

Chegou a noite. Não me vou esquecer do olhar delas, abatido e cheio de esperança de que eu dissesse alguma coisa boa, que lhes aliviasse a preocupação. Sentei-me para as olhar de frente e confessei-lhes que adoraria ter respostas e certezas para partilhar com elas. Mas que, pelo contrário, não sabia quantos dias teríamos de permanecer em Miami e também estava triste com a situação. Prometi-lhes, no entanto, que eu e o pai iríamos fazer de tudo para que aqueles dias fossem os melhores possíveis. «Vamos estar todos juntos e já nos divertimos muito os cinco, não já?»

Depois de um silêncio que nos cercou às quatro durante uns segundos, as mais crescidas limpavam as lágrimas, sorriram levemente de volta e disseram que estava bem, que acreditavam no que lhes dizia. Colada a elas num abraço apertado, senti-me aliviada com a reação, mas aterrada com o peso que as minhas palavras tinham tido.

Assumi a minha vulnerabilidade, e elas confiaram, de forma absoluta. Foi o momento mais importante daqueles dias e uma lição enorme que nunca vou esquecer. Sempre fui pela verdade, mas tentando esconder ou disfarçar fraquezas, como se não fizessem parte de mim. E esta abordagem sincera resultou muito melhor.

Na manhã seguinte, os nossos amigos saíram para dar um passeio, trouxeram-nos almoço e umas taças de fruta fresca e seguiram para o aeroporto enquanto nós deixávamos o apartamento.

A imagem que tenho do nosso primeiro dia a cinco é com as malas às costas, num parque perto do segundo hotel, onde já tínhamos passado várias vezes a caminho da praia. Os bancos estavam ocupados por sem-abrigo, que dormiam à sombra das palmeiras, e nós sentámo-nos no chão, encostados à parede de um centro cultural, para aproveitar a internet e dar notícias à família e para comer as sanduíches e a fruta que os amigos tinham comprado.

Poderiam ter acontecido, pelo menos, quinhentas coisas piores do que isto. Tínhamos o seguro e a serenidade de saber onde iríamos ficar, mas não deixou de ser uma experiência dura para todos.

Ao chegar ao hotel, pedi-lhe para não dizer que estávamos positivos até porque teríamos todos os cuidados e faríamos a nossa parte, estando isolados. Mas ele não concordou comigo e disse a verdade. Resultado? Trataram-nos como se fôssemos leprosos. Atiravam as toalhas limpas do lado de lá da porta para o interior do quarto e, apesar de termos três crianças, nunca ligaram para saber se precisávamos de alguma coisa. Uma senhora da limpeza desatou a correr pelo corredor fora quando me viu à entrada do quarto, e eu tinha máscara!

Os americanos, em especial os da Florida, não têm qualquer cuidado no sentido de evitar o contágio — tenho para mim que até apanhámos o vírus na Disney, o que, de certa forma, é perverso. Não se encontram máscaras, testes rápidos ou álcool gel à venda — nem nas farmácias! Têm um desconhecimento gigante face à Covid-19, que os leva a ser intolerantes e irrazoáveis, tal como perante tantas outras questões.

No extremo oposto, o casal português dono do restaurante onde íamos fazer o nosso almoço de Natal foi incansável. Quando desmarcámos, apresentámos o motivo e, no final do nosso primeiro dia de isolamento, foram ao hotel deixar tabuleiros de comida deliciosa, máscaras que conseguiram arranjar sabe-se lá onde e uma mochila com livros e jogos dos filhos para as nossas miúdas se entreterem. Se os portugueses não são os maiores, não

sei quem será! Fizemos de tudo dentro daquelas quatro paredes: coreografias para as músicas mais populares da rádio, limpezas de pele com os dois cremes de rosto que tinha levado, massagens, jogos de adivinhas, vimos filmes em conjunto, lemos livros a solo — e as horas não passavam. É bem capaz de ter acontecido que em duas ou três ocasiões eu me tenha fechado na casa de banho em consequência de um desarranjo... emocional. Ou então apenas para ficar sozinha.

Na manhã do segundo dia, coloquei uma máscara e, como não havia ninguém no corredor, saí do quarto num passo estugado. Usei as escadas de serviço, para chegar ao terraço e perceber se havia alguém na piscina descoberta. Estava vazia. Desci a correr, enfiámos os fatos de banho e lá fomos as quatro para uns mergulhos que souberam a liberdade. Assim que chegou o primeiro casal, enrolámo-nos nas toalhas, colocámos as máscaras e voltámos a descer pela escada de serviço, com outro ânimo e com a paciência mais atestada.

Nessa tarde, repetimos a viagem para assistir ao pôr do Sol. Vimos as luzes das ruas a acenderem, enquanto o sol se apagava. Lá de cima, contemplámos o movimento: carros minúsculos apressados e pessoas livres, na sua vida. Pedacinhos que nos permitiram respirar fundo e continuar a aproveitar o que de bom aquele lugar (ainda) tinha para nos oferecer.

Na manhã do terceiro dia, usámos os únicos testes rápidos que tínhamos e estávamos ambos negativos. Falámos com a agência de viagens, que garantiu que conseguia colocar-nos no avião dessa tarde se os antigénios também estivessem negativos. Pegámos nas miúdas e saímos em direção ao posto de testagem mais próximo. Uma hora e meia depois, chegou a nossa vez. «Em quinze minutos recebem o resultado», disse-nos a enfermeira.

Regressámos ao hotel para fazer as malas, enquanto eu ia repetindo às miúdas que ainda não sabíamos se podíamos viajar nesse dia, porque dependia do resultado dos testes. Passaram os quinze minutos prometidos, a meia hora, quarenta e cinco minutos e nada de resultados. Ao fim de mais de uma hora, lá chegaram. Negativos os dois! Agarrámos nas miúdas e nas malas e saímos quase a correr, para chamar um Uber até ao aeroporto — três dias depois do previsto, o que acabou por revelar-se uma boa notícia, dado o contexto.

No caminho, enquanto olhava pela janela do carro, prometi a mim mesma que iríamos regressar mais tarde, porque a cidade merecia uma visita mais demorada, mas em liberdade. «Havemos de voltar para percorrermos calmamente a 7 Mile Bridge e ir parando nas várias ilhas até Key West», deixei escapar em voz alta, sem qualquer comentário da parte deles...

Com três letrinhas apenas se escreve a palavra mãe, mas para a palavra filhas é preciso o dobro. No caso da Catarina, o triplo: da paciência, da disponibilidade, da concentração, da comida...

Todos os dias são dias de ensinar alguma coisa: que não se come com as mãos, que a roupa suja é para pôr no cesto, que a sociedade espera muito mais das mulheres do que dos homens... Mas a verdade é que uma mãe também aprende. Mesmo naqueles dias em que já não pode ouvir as filhas, que não se calaram desde que saltaram da cama.

Catarina Raminhos tem aprendido muito. Por exemplo, que as camisas largas e compridas são para se usar com um nó, que pintar as unhas é uma forma de empoderamento, que as riscas vão bem com bolas, afinal, ou que o amor pelos filhos é mesmo incondicional. Também aprendeu que, com o nascimento de um filho, nasce um medo mesmo a sério que nunca mais desaparece. Por outro lado, ficou a saber recentemente que ninguém morre por não tomar banho todos os dias. E se isto não é uma boa descoberta, não sabemos o que é.

Com tantas horas diárias de aprendizagem, Catarina decidiu compilar as coisas mais importantes que as filhas lhe ensinaram, e o resultado é este livro que porá qualquer leitor a chorar: seja com lágrimas de comoção, seja a rir às gargalhadas. É que a Catarina tem muita graça. E muita, muita paciência.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
  penguinbemestar

ISBN 9789897844256



9 789897 844256 >